



Parâmetros da Sociabilidade Contemporânea: A Telerrealidade Como Mecanismo de Condicionamento da Existência Social¹

Marcelle Louise Pereira ALVES²

Maurício de Medeiros CALEIRO³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Resumo

Ao considerar a internet como o mais relevante meio difusor de informações na contemporaneidade, pode-se analisar como a comunicação instantânea, o compartilhamento de arquivos e a interação de linguagens e motivações distintas, proporcionados de modo ímpar por esta ampla rede, interfere na existência social. Também avaliar como as conseqüências da sociabilidade atual exigem que os indivíduos existam não só fisicamente, mas também virtualmente, tornando sua existência pública. Conclui-se que estar inserido na Telerrealidade é uma exigência para a vivência eficiente e que devido à disparidades sociais, etárias, econômicas, políticas, entre outras a não participação pode ser sinônimo de exclusão e marginalização.

Palavras-chave: Telerrealidade; Internet; Comunicação; Virtual; Sociabilidade.

Introdução

O desenvolvimento técnico-científico, advindo do processo conhecido como globalização, com o objetivo de suprimir as distâncias e o tempo, eliminando as barreiras geográficas e permitindo a expansão das redes de comunicação que auxiliam na integração mundial nos aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos é o baluarte da contemporaneidade, principalmente no que se refere à comunicação. Nesse contexto, a internet e suas ferramentas surgem para facilitar a interação na medida em que possibilita a troca de informações de maneira rápida e eficiente. A construção do ambiente virtual, via internet, paralelo ao ambiente real tem conseqüências benéficas, como a facilidade de acesso a pessoas e serviços, mas também representa uma condição para a vida.

Na sociedade atual, existir fisicamente não é suficiente para garantir a existência social, é preciso existir virtualmente. Porém, mesmo com a popularização do computador e o alto e crescente número de usuários da internet, existem barreiras para a inclusão digital tanto no que se refere à opção pessoal de não fazer parte, como a

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Rádio, TV e Internet do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de graduação 7º semestre de Comunicação Social/Jornalismo da UFV. Email: marcelle.alves@ufv.br

³ Orientador. Ex-professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV.



implicações profissionais, tecnológicas e outras questões que ditam a necessidade e a possibilidade dos indivíduos de estarem imersos no ambiente virtual. Assim, o que era pra ser um processo que engloba todas as pessoas, permitindo um o contato praticamente irrestrito (praticamente, por causa das classificações etárias) ao conteúdo acaba isolando parte da sociedade do universo da internet.

É preciso salientar a relevância do ambiente virtual: como em algumas áreas ele tem se destacado mais que o real e se tornado semelhante ou mais importante que os processos que ocorrem no ambiente físico. Atribuir à internet todas as dimensões da vida real, não virtual, é algo impensável e inexecutável já que o virtual só existe porque existe o real, o físico, ou seja, o real é o aparato para as transações em rede. O objetivo desse artigo é, portanto, analisar como a transposição do real para o virtual tem conseqüências na vida social, à medida que algumas áreas da realidade só são alcançadas através da utilização da internet e que o seu uso nem sempre é possível. Para isso, faz-se um levantamento histórico do que propiciou o desenvolvimento tecnológico que culminou na criação dessa outra realidade, a Telerrealidade. Analisa-se ainda a representatividade da comunicação virtual, discutindo sobre a Televivência. Também, se utiliza de situações atuais e corriqueiras em que o virtual interfere na vivência coletiva seja no que se refere ao aspecto das relações sociais, como ao campo profissional.

Como referências teóricas serão abordadas as contribuições de Manuel Castells, sociólogo espanhol muito citado na área da comunicação, principalmente a comunicação em rede; de Eric Hobsbawn, historiador marxista conhecido internacionalmente por seus estudos sobre a globalização e seus efeitos; Renato Ortiz, sociólogo e antropólogo brasileiro; Antonio Albino Canelas Rubim, professor e estudioso das questões relacionadas à cultura do Brasil; entre outros estudiosos das tecnologias da comunicação e das novas relações sociais.

1- A globalização e os novos processos comunicacionais

A globalização é um processo complexo de integração econômica, cultural, social e política proporcionado pelo acesso aos meios de transporte e comunicação a baixos custos, garantido com o progressivo desenvolvimento tecnológico. Embora alguns estudos apontem a origem da globalização no século XV, com o mercantilismo europeu, até o século XVIII, em decorrência da Revolução Industrial e da Revolução



Científica, ou a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esses podem ser considerados diferentes momentos do processo que desencadeou o que conhecemos atualmente. Eric Hobsbawn (2000) acredita que a globalização não é um processo de ruptura com a situação anterior, mas a continuação, o progresso. “A globalização não é o resultado de apenas uma ação, como ligar a luz ou dar a partida no carro. Ela é um processo histórico que, embora tenha sido muito acelerado nos últimos dez anos, reflete uma transformação constante.” (HOBSBAWN, 2000, p.69)

O marco inicial da globalização nas comunicações data do período conhecido como Guerra Fria, compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) a extinção da União Soviética (1991). Na época, o conflito indireto entre EUA (capitalista) e URSS (socialista) abalava o cenário mundial com as disputas estratégicas pela hegemonia política, econômica e ideológica do mundo. Durante o conflito investiu-se em tecnologias que pudessem facilitar a comunicação entre as partes aliadas, permitindo, assim, o desenvolvimento potencial da moderna tecnologia da informação que possibilitaria a expansão de uma das forças. Com a derrota da URSS, os EUA tornaram-se a maior potência mundial, exercendo influência em todas as partes do mundo. Para ampliar o seu domínio sobre as economias mundiais e implantar a ideologia neoliberal capitalista, os meios de comunicação foram, e são atualmente (mesmo com a constante queda da ideologia neoliberal e dos EUA como super potência), as principais ferramentas utilizadas, acompanhando a criação de novas mídias.

A partir da elevação dos EUA como potência mundial, houve a americanização do mundo com a adoção do *American Way of Life*, ou seja, do estilo de vida norte-americano, como cultura global. Muito do que se conhece hoje como fruto da globalização está estritamente ligado à presença dos produtos originalmente norte-americanos nos diversos mercados mundiais. Outro aspecto é a utilização da língua inglesa em diversas partes do mundo. Segundo Renato Ortiz “a globalização declina-se preferencialmente em inglês” (2004)⁴, o que está diretamente ligado ao seu pioneiro avanço das fronteiras. Portanto, muito além da expansão das ideologias norte-americanas e de seu potencial crescimento e hegemonia em relação às outras partes do mundo, há o encurtamento e diminuição de tempo e distância que possibilitaram tais efeitos. A desterritorialização, superação dos limites físicos, foi proporcionada pelo

⁴ Não há informação sobre a página da citação.



desenvolvimento técnico-informacional, que facilitou a comunicação internacional não apenas para grandes conglomerados empresariais, que podem se deslocar de um local a outro de acordo com as vantagens comparativas e aumentar a sua produtividade e lucro, mas também para o homem comum, que tem acesso a movimentações financeiras em escala global e a diversas culturas sem sair de casa, apenas utilizando as novas tecnologias de comunicação. Como afirma Marcelo (2001), a noção de tempo e espaço foi subvertida, protagonizada pelos novos *media*, e os novos dispositivos tecnológicos passaram a operar a recontextualização comunicacional até os dias de hoje.

Assim, nota-se que o conceito de globalização foi criado diante da necessidade dos países interagirem com outros de várias partes do mundo para fazer transações financeiras, trocar informações e ampliar seu mercado, utilizando os meios que mais facilitassem a comunicação entre eles. Dessa forma, ela pode ser considerada uma base da expansão capitalista, pois objetiva construir uma rede global na qual ocorrerão as negociações comerciais sem que um mercado fique restrito apenas ao seu campo de atuação local, mas possa interagir com outros mercados distantes e não necessariamente fazer um alto investimento financeiro, devido ao surgimento de novas mídias.

A globalização da comunicação é possível em benefício da universalização do acesso aos meios de comunicação, por causa do barateamento dos aparelhos promovido pela inovação tecnológica. Desse modo também ocorre com a internet, rede mundial de computadores que permite a troca de dados e o acesso a informações em escala global instantaneamente e que constitui o meio de comunicação interativo via computador mais significativo atualmente.

A Internet tem tido um índice de penetração mais veloz do que qualquer outro meio de comunicação na história: nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou esse nível de difusão em 15 anos; a Internet o fez em apenas três anos após a criação da teia mundial. O resto do mundo está atrasado com relação à América do Norte e os países desenvolvidos, mas o acesso à Internet e seu uso os estavam alcançando rapidamente nos principais centros metropolitanos de todos os continentes. (CASTELLS, 2003, p.439)

Mesmo com a facilidade de aquisição do computador, devido à popularização dos preços, e o crescente número de usuários da internet há distinções regionais que impedem a efetiva utilização dessa nova e inovadora mídia de forma democrática. Castells (2003) considera que “a desigualdade espacial no acesso à Internet é um dos



paradoxos mais impressionantes da era da informação, em razão da característica supostamente independente de espaços da tecnologia.” (CASTELLS, 2003, p.434)

2- A Telerrealidade

Antes de apontar os parâmetros da sociabilidade contemporânea nas novas mídias, (prioritariamente na internet), cabe fazer uma análise da comunicação virtual, ou seja, do que implica a existência do virtual e do real na construção da realidade, ambientada pelas redes.

Lippmann define as representações emanadas da comunicação como sendo pseudo-ambientes que se interpunham entre o homem e seu ambiente (verdadeiro). Mais que essa constatação, interessava a Lippmann as repercussões da existência social do pseudo-ambiente, pois, conforme este autor, elas “operavam, não no pseudo-ambiente onde o comportamento é estimulado, mas no verdadeiro ambiente”. (RUBIM, 2000, p.29)

De acordo com o que Rubim (2000) cita sobre o processo de comunicação (não necessariamente virtual) para Lippmann, afigura-se que a comunicação em si - a troca de mensagem entre emissor e receptor, independente do meio - consiste em uma troca de conteúdos entre ambientes diferentes que passam a influenciar e a fazer parte da sociabilidade no pseudo-ambiente (virtual). Assim sendo, todo tipo de comunicação exerce influência no modo como a sociedade se comporta diante das mais variadas circunstâncias. Segundo Rubim (2000), a comunicação não só ambienta e estrutura a contemporaneidade, mas também afeta em profundidade a configuração da sociabilidade.

Nesta categoria incluem-se as relações de sociabilidade onde os sujeitos recorrem ao uso dos serviços telemáticos em rede, para contactar com desconhecidos e obter deles informações, esclarecimentos, suporte emocional ou simplesmente desabafar ou comunicar com alguém, que partilhe os mesmos interesses ou preocupações. Nestes casos os novos dispositivos comunicacionais funcionam como desencadeadores de novas relações, que podem nunca passar pelo espaço físico. Frequentemente, neste tipo de interações, a presença num tempo, mas sobretudo num espaço comum, é irrelevante, e por vezes até uma mais valia. (ANTUNES; CASTRO; MEALHA, 2001, p. 6)

As interações virtuais ocorrem independentes de tempo e de espaço comuns e constituem categorias muito mais amplas e complexas que questões ligadas às barreiras temporais e físicas. Assim, a sociabilidade não é mais baseada na presença física num



único lugar, mas na existência virtual em não-lugares, viabilizada pelos novos dispositivos de comunicação e informação, mediante escolhas específicas, o que torna as relações virtuais mais difíceis de serem analisadas.

Rubim (2000) descreve três constelações que, para ele, constituem a realidade atualmente: 1- a conexão entre os espaços geográficos e espaços eletrônicos, expandidos e atualizados pelas “navegações virtuais”; 2- a bricolagem entre convivência, na qual pressupõe-se sempre presença e lugar, e a Televivência, que é a vivência instantânea a distância, propiciada pelas mídias em rede; 3- a hibridação entre fluxos culturais oriundos do local e fluxos provenientes de registros globalizados. Essas combinações é que moldam a sociabilidade contemporânea e criam uma nova dimensão da realidade denominada Telerrealidade. A expressão Telerrealidade foi empregada por Muniz Sodré na obra *A máquina de Narciso* para designar imagens, palavras e sons que estão distantes e podem ser absorvidos para próximo, somente se fizerem sentido para a vivência (realidade).

O conceito de telerrealidade deve servir, por conseguinte, para nomear uma nova e contemporânea dimensão de sociabilidade que se distingue e diferencia da realidade, tradicionalmente concebida como territorialidade (geográfica), localidade, proximidade, materialidade, presença e convivência. Telerrealidade aparece como nova formatação da realidade, possibilitada agora por espaços e tempos integrados em rede eletrônica e associada às noções de desterritorialização, globalidade, distância, espaço planetário, desmaterialização, não presencialidade, (tele)vivência e tempo real. (RUBIM, 2000, p.33)

Dessa forma, a (tele)vivência e a (con)vivência, “duas dimensões da realidade, analiticamente separadas, hoje, entrelaçam-se de tal modo na vida cotidiana que são vivenciadas como realidade una e contemporânea.” (RUBIM, 2000, p.33) A consequência dessa realidade composta é que ela impõe uma diferenciação entre o existir fisicamente e o existir publicamente.

Hoje, a mera existência física já não assegura um existir social, expediente automático em uma sociabilidade de tipo comunitário, na qual a existência física e pública praticamente coincidem, pois a contigüidade do território, a exigência da presença e as dimensões possíveis ao mundo garantem o compartilhamento, o movimento de tornar comum coisas e pessoas, enfim a publicização. Nesta circunstância societária existir fisicamente significa, sem mais, ter existência pública. (RUBIM, 2000, p. 33-34)

Para Rubim (2000) o existir físico é necessário, mas não suficiente para garantir a existência pública. A existência física tem de estar ligada a existência virtual, vivida



na Telerrealidade, para que se possa afirmar a existência social. A Telerrealidade, entre outros aspectos positivos, é “libertadora, emancipadora e democratizante”, mas também funciona como um mecanismo de “controle, repressão e regressão”, que condiciona a existência e cria novos parâmetros de sociabilidade.

3- Controle, Repressão e Regressão

O desenvolvimento da *Web 2.0* tornou possível a interação mais diversificada e fez com que a comunicação virtual alcançasse um status muito maior, tornado-se mais dinâmica. Assim, os usuários podem participar gerando e organizando informações e fazer comentários, avaliação e personalização do conteúdo. Essa nova versão para a *web* é baseada na criação de comunidades e serviços, como as redes sociais, *blogs* e *wikis*. Nesse âmbito de redes sociais, formação de grupos e comunidades com interesses comuns é que surgem as discussões sobre o ambiente virtual constituir hoje requisito para a existência social, na medida em que fazer ou não parte dele acaba negligenciando as atividades tanto no próprio ambiente, que constitui uma extensão e junção do que há fora dele, como fora dele.

Facebook, Twitter, You Tube, Last.fm, MSN Web Messenger, Flickr, Tumblr Wikipédia, Gmail, Blogger, são exemplos de *sites* que fazem parte dessa perspectiva de rede mais dinâmica e interativa e que recentemente ditam as ações das pessoas. No caso das redes sociais, fazer ou não fazer parte tem implicações tanto no campo profissional, como na vida social. Alguém que por decisão própria escolhe não participar de redes sociais está negando a si mesmo a possibilidade de se comunicar e manter contato com outras pessoas de maneira mais rápida e fácil e se recusando a fazer parte das discussões que ocorrem nesses ambientes. Essa pessoa torna-se alheia ao processo de virtualização e publicização da existência humana, não existindo nessas configurações, o que a pessoa que está imersa nesse ambiente faz a todo tempo. Há situações em que a profissão da pessoa não permite que ela faça parte de redes sociais e torne sua vida pública. Ou quando a “empresa” tem acesso aos perfis virtuais do funcionário ou futuro funcionário e regula as suas atividades. O indivíduo prestes a ser contratado, numa entrevista de emprego, por exemplo, pode ter seus perfis online avaliados. Isso pode tanto ser positivo como negativo dependendo da responsabilidade depositada sobre a pessoa no trabalho e de que tipos de informações ele passa através do site de relacionamento.



No entanto, há circunstâncias em que se recomenda do profissional que ele utilize essas mídias como forma de aperfeiçoar as suas atividades. Tiago Leifert, jornalista e apresentador brasileiro, declarou em uma palestra ministrada no dia 12 de maio de 2010, no Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) Sudeste em Vitória-ES, que é imprescindível que um estudante, futuro profissional, de Jornalismo tenha contado com redes sociais, alegando que não contrataria alguém que não tem/sabe o que é *Facebook* ou *Twitter*. Ou seja, para trabalhar na área de Comunicação Social é importante que a pessoa tenha conhecimento atuante sobre as páginas de relacionamento na *web*. Também, uma empresa ou instituição que quer se sobressair no mercado tem que estender suas atividades nas redes sociais. Essa é tanto uma forma de aproximação maior com o público, para saber sobre o que ele demanda e ter o *feedback*, como uma estratégia de marketing para promover a marca no ambiente virtual, assim como pede o mercado, aumentando sua taxa de lucro.

Deste modo, considera-se que os novos serviços de comunicação em rede tenderão a beneficiar sobretudo as instituições/ indivíduos que se insiram já em meios ricos, em dinâmicas de informação/conhecimento e recursos, e que apresentem créditos firmados no espaço físico. Isto mesmo parece ser comprovado nas interações em listas ou grupos de discussão, onde indivíduos, cujo endereço de correio eletrônico ou assinatura eletrônica indicie a pertença a instituições de reconhecido mérito, numa determinada área, beneficiam de um estatuto diferenciado, em virtude da reputação de que a instituição goza (Cardoso, 1998, Donath, 1999). (ANTUNES; CASTRO; MEALHA, 2001, p. 8)

Outro aspecto diz respeito à utilização de correio eletrônico ou *e-mail* e sua quase obrigatoriedade nos dias de hoje. São inúmeras as ocasiões em que é necessário informar o *e-mail* para ter acesso à determinada informação ou executar alguma atividade. Para inscrever-se num concurso público ou num vestibular precisa-se de um correio eletrônico, que será o meio de contato entre a instituição e o inscrito e para onde será enviada qualquer informação adicional sobre o processo. Assim, torna-se praticamente obrigatório que as pessoas tenham pelo menos um e-mail para manter-se informado acerca das atividades desempenhadas à distância.

Um exemplo relevante da necessidade de estar imerso no ambiente virtual é o ingresso numa universidade. É praticamente impossível “sobreviver” no ambiente acadêmico sem ter acesso à internet, pois além do contato com os inúmeros estudantes ser feito pela universidade através do *e-mail*, existem ainda atividades que são



desenvolvidas virtualmente. Assim, a forma encontrada pelas instituições de ensino superior, como ocorre na Universidade Federal de Viçosa - UFV, é criar seu próprio serviço de *e-mail* e disponibilizar um endereço e uma senha para cada estudante. Há também o *site* onde se encontram informações sobre praticamente tudo que diz respeito à universidade e aos interesses dos alunos. Na UFV, sistemas informatizados foram desenvolvidos para facilitar o acesso a informações importantes: o Sapiens - Sistema de apoio ao ensino, onde constam dados pessoais do estudante, o histórico, as notas das avaliações, entre outros; e o PVAnet, ambiente virtual de aprendizagem, onde localiza-se a relação de disciplinas matriculadas e é um espaço no qual pode-se postar conteúdos *online*, fazer discussões acerca da matéria, entre outros. Lembrando que outras instituições também desenvolvem esse tipo de sistema para inserir o aluno nas atividades acadêmicas no ambiente virtual, muito importante na relação universidade-aluno.

Outra questão importante é a virtualização dos serviços públicos, de título de eleitor a pagamentos de dívidas e impostos, alguns até tendendo a se especificarem somente no ambiente virtual a fim de facilitar o acesso das pessoas. Porém, do que era pra ser a solução de muitos problemas relacionados à distância, ao tempo e às dificuldades de atendimento do funcionalismo público surge um entrave para a ação efetiva desses serviços: pessoas que por algum motivo não têm acesso. É comum que pessoas mais velhas, ou mesmo pessoas que moram em regiões mais carentes, não acompanhem essas inovações tecnológicas e fiquem impossibilitadas de utilizar tais serviços.

Considera-se que os novos espaços de comunicação existem, não em oposição aos espaços físicos mas, como prolongamento/complemento destes, mantendo entre si uma estreita interação. Os novos espaços de comunicação, parecem reproduzir, de algum modo, as hierarquias presentes nos espaços físicos, reflectindo assim as assimetrias existentes. (ANTUNES; CASTRO; MEALHA, 2001, p.9)

Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU) no dia 19 de outubro de 2010 alegaram que o ano terminaria com mais de 2 bilhões de pessoas com acesso à internet. O estudo destacava o avanço da tecnologia e revelava que apesar do crescimento do número de usuários, dois terços da população mundial ainda não era usuária da rede, atribuindo a causa de parte do problema ao custo ainda alto para assinatura do serviço em muitos locais e a manutenção de monopólios que impedem a ampliação dos domínios da internet. Também, constatava que nos países de economia



periférica, como o Brasil, a taxa de expansão é bastante inferior em relação aos países centrais que consideram a internet um direito básico do cidadão. Em 2011, segundo dados da Agência de Telecomunicações da ONU, o número de usuários de internet no mundo atingiu os 2 milhões, o correspondente a apenas 30% da população, na época estimada em 6,8 bilhões de pessoas.

Como reconhece Lévy, a produção e circulação do conhecimento/informação é um processo social. Mas as relações sociais não são homogêneas, são marcadas pela existência de relações de poder. Os sujeitos sociais não participam em igualdade de condições: há os que possuem o poder de definir socialmente o que deve ser considerado como informação/conhecimento e de que forma este irá circular. Na Internet, os megaportais (Universe On Line, America On Line, Terra, Internet Gratuita, etc.) desempenham este papel. A comunicação virtual potencializou a dimensão social da produção e circulação do conhecimento/informação, potencializando também a sua apropriação privada, ou seja, o poder dos grandes conglomerados comunicacionais. Trata-se de um fenômeno contraditório, marcado pela desigualdade social, por relações de poder e de dominação. [...] A interpretação de Baudrillard, por outro lado, reduz o conhecimento/informação a um exercício de dominação que não funciona mais. (COELHO, 2001, p.13)

Nota-se, desse modo, que o desenvolvimento técnico-informacional acaba acentuando as disparidades já existentes e criando novas limitações para a vida social, porque ele não ocorre com a mesma intensidade para pessoas mais abastadas e para pessoas de camadas inferiores. O que nos leva a questionar até que ponto as conseqüências da globalização abrangem todos da mesma forma ou se só aumentam a distância que separa os países “pobres” dos países “ricos”.

[...] não devemos imaginar que vivemos em um mundo sem fronteiras, como se o espaço estivesse definitivamente superado pela velocidade do tempo. Seria mais correto dizer que a modernidade, ao romper com a geografia tradicional, cria novos limites. Se a diferença entre “Primeiro” e “Terceiro” mundo é diluída, outras surgem no seu interior, agrupando ou excluindo pessoas. (ORTIZ, 2006, p.219 - 220)

Segundo Ortiz (2006), não existe uma civilização mundial como pregam erroneamente muitos teóricos ao tratar da globalização, chamada por ele preferencialmente de mundialização, pois as nações não priorizam “espaços hegemônicos de coesão social”. Para ele, o que ocorre é uma classificação entre os que atendem a determinados critérios e os que por uma série de insuficiências não podem ser incluídos no grupo. Pressupõe-se com essa divisão a existência de nações centrais e



uma ordenação dos países de acordo com o índice aparente de desenvolvimento. Assim, para pensar a mundialização é necessário questionar-se sobre a homogeneização do mundo, possibilidade complexa e que não considera as características peculiares de cada lugar. Para Paiva “O ‘outro’, dentro de casa, remete para novas reflexões sobre o ‘mesmo’, e tudo isto alerta para as novas práticas de exclusão e integração de norte a sul do planeta.” (PAIVA, 2000, p. 3)

A visão de Paiva é de que o processo de globalização não só promove mudanças globais nos campos políticos e econômicos, mas também na sociabilidade, que por não considerar as situações específicas de cada lugar e momento acaba fortalecendo desigualdades e acentuando antigos problemas. Assim, o sistema global está embasado no desenvolvimento técnico, mas principalmente nos modos recentes de exclusão e regressão, porque nem todos têm acesso da mesma maneira aos aparelhos tecnológicos.

Nos campos da sociedade e da política as mudanças globais engendraram modos recentes de exclusão social, mas produziram simultaneamente novas formas de sociabilidade. A globalização como uma espécie de “nomen(k)latura” mercadológica para designar o atual estágio do sistema capitalista, apoiada sobre a tríade “industrialização expansão tecnológica-mercados emergentes” engendrou positivamente o aparecimento de novos dispositivos e agenciamentos sociais (as telecomunicações, os telecuriosos, ensino à distância, sistema bancário informatizado, serviços de compras pela Internet, etc.) Mas também acentuou antigas formas de anomia (violência, desemprego, imprevidência social, etc.). Tudo isso favoreceu a emergência de novas tribos que procuram resistir, reciclar ou adequar as determinações de um sistema globalizante que produz índices regressivos. (PAIVA, 2000, p. 2)

4- Considerações finais

Os processos comunicacionais que surgiram com o desenvolvimento técnico-informacional advindo da globalização sugerem inovações não só na área da comunicação, mas também na cultura, política e economia mundial. O que não significa que as mudanças ocorridas nessas áreas não estão estritamente relacionadas às novas formas de comunicação. A supressão de tempo e distância, ultrapassando barreiras territoriais, possibilita maior troca de informação e aproximação virtuais e multilaterais. Nesse âmbito, o ambiente virtual apresenta-se como o espaço principal de transações, negociações e trocas comerciais e de informação que exercem influência no ambiente real.



A contemporaneidade traz, conseqüentemente, a necessidade de uma existência virtual, não bastando às pessoas/instituições existirem fisicamente para garantirem a existência social, visto que parte considerável das atividades desenvolvidas no ambiente físico depende ou é totalmente executada no ambiente virtual. A partir da construção e consolidação dessa nova realidade, chamada de Telerrealidade, os indivíduos e serviços são induzidos a inserirem-se no ambiente virtual. Essa demanda pode tanto incluí-los como excluí-los das movimentações na rede, de acordo com as especificidades de cada situação. Assim, a Telerrealidade, ou seja, existir virtualmente, condiciona a existência social, constituindo-se um mecanismo para restringir as ações das pessoas/instituições na medida em que reformulam os modos de sociabilidade.

O estudo publicado pela ONU em 2010 afirmava que apenas um terço da população mundial teria acesso a internet até o final de 2011 devido aos altos custos e a manutenção de monopólios. Ou seja, dois terços não existirão nos termos da sociabilidade contemporânea. No início de 2013, diante de algumas discussões a respeito da postura de alguns países de bloquear o acesso de pessoas que não cumprem acordos de direitos autorais na *web* ou que impedem o acesso às redes sociais com motivações políticas contra o governo, a Organização determinou que o acesso a internet é um direito humano.

Os meios de comunicação - TV, rádio, impresso, *web* - podem e devem desempenhar um papel regulador das diferenças sociais, agindo democraticamente. No entanto, são dominados por grandes grupos empresariais que monopolizam e manipulam a informação e restringem os conteúdos transmitidos a parte das pessoas. Além disso, mesmo com a popularização deles, alguns de forma mais rápida que outros, existem outras limitações econômicas, políticas, tecnológicas e sociais, como visto, que dificultam o bom desempenho das mídias no que se refere ao serviço e benefício público.

A internet pode, dessa forma, ser considerada um meio de comunicação no qual mais se exerce a democracia, pois não existe nenhuma proibição e/ou censura explícitas, exceto em raros casos de países, como a China, que veta a utilização de alguns serviços, que impede as pessoas de usar a rede como preferir e da forma que julgar necessária. A dificuldade de considerar a internet democrática está no fato de que seu acesso ainda não é total, ou seja, ainda existem muitas pessoas que nunca tiveram contato com essa mídia, e de que muitos monopólios que começaram em outras mídias e se expandem



para a *web* com a mesma ou com maior intensidade, manipulando as informações. Assim, não há porque pensar o ambiente virtual como democrático pelo fato de que nele qualquer pessoa/instituição é capaz de produzir, receber e interagir com as informações que circulam na rede da forma que preferir, sem sofrer nenhum tipo de restrição e/ou repressão, pois nem todos podem ter acesso a esse ambiente. Também, porque muitas das discussões que surgem na rede têm sua fonte em conglomerados de informações que acabam ditando e influenciando o conteúdo das ações.

É evidente que todas as pessoas, independente de cor, etnia, classe social ou faixa etária, sofre influências diretas e/ou indiretas da Telerrealidade, o que torna a necessidade de estar imerso no ambiente virtual cada vez maior. Por ser uma extensão do real, é natural que, assim como na vida uns dos princípios é o progresso e a evolução, o virtual, auxiliado pelo desenvolvimento tecnológico, tenha como objetivo a expansão e que essa seja acompanhada pela sociedade. Cabe àqueles que, numa visão apocalíptica - para usar o conceito de Umberto Eco -, veem a comunicação virtual como uma ameaça à comunicação real, física, e consideram-na prejudicial à vida, adaptar-se ou estarão designados à não-existência social. Portanto, é preciso vencer os entraves para que se possa vivenciar a contemporaneidade em todas as suas dimensões, ou corre-se o risco de se ficar à margem e excluído da sociedade.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Maria João; CASTRO, Eduardo Anselmo; MEALHA, Óscar. Tecnologias da Comunicação e Informação na reconfiguração das redes de relações dos sujeitos. **BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acessado em 12 de março de 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide V. Majer. 7ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HOBSBAWN, Eric. **O Novo Século**. Entrevista a Antônio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARCELO, Ana Sofia. Internet e as novas formas de sociabilidade. **Tese** (Mestrado em Ciência da Computação) - Universidade da Beira Interior, Covilhã, PORTUGAL, 2001.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: brasiliense, 2006.



_____. As Ciências Sociais e o inglês. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.19, nº 54, fev. 2004.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. Estratégias de Comunicação no Mundo Globalizado. **BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acessado em 12 de março de 2013.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. A contemporaneidade como Idade Mídia. **SciELO Brazil – Scientific Electronic Library Online** . Disponível em:<<http://www.scielo.br/>>. Acessado em 22 de março de 2013.